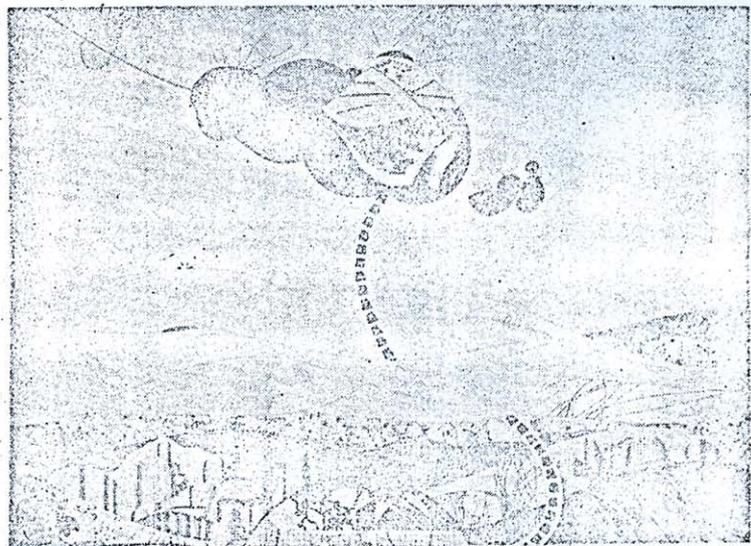

Nota:

*Recorte do Suplemento Literário do Jornal Minas Gerais
Matéria publicada na edição de 09 de Outubro de 1971*

Autor: Márcio Sampaio

Fonte: Museu de Arte Contemporânea de Campinas

ARTES PLÁSTICAS / MÁRCIO SAMPAIO
OS SALÕES E O
SALÃO DE CAMPINAS



Desenho de Sérgio de Paula, mineiro premiado no Salão de Campinas

Os mais recentes salões realizados nos diferentes centros brasileiros vieram comprovar a falência deste tipo de manifestação (ou balanço) artístico. O próprio esforço de renová-los através da reformulação dos regulamentos e propostas dos "salões temáticos" serviu apenas para acentuar, ainda mais, a crise dos salões como *instituição* obsoleta, impossível — pelo menos com as suas estruturas conhecidas — de conciliar com as novas idéias da arte.

Como organizador de alguns dos salões realizados ultimamente no Museu de Arte da Prefeitura de Belo Horizonte, tendo colaborado na organização do IV Salão Nacional da Cultura Francesa e mais ainda como membro das comissões de seleção e premiação, pude sentir na própria pele as dificuldades que estão a estrangular os salões e que os levam a chocar-se com as propostas mais radicais da vanguarda. A prova mais evidente da falência dos salões como *instituição* foi o Salão Nacional de Arte Moderna, realizado no Rio, em julho/agosto deste ano, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura. Seu regulamento feito em 1950 limita a arte em categorias como compartimentos fechados, de fronteiras definidas, desconhecendo o caráter inter-disciplinar e a própria situação da arte de hoje, rejeição, por natureza, a qualquer limitação. Neste salão, que anualmente concede dois prêmios de viagem ao estrangeiro (em dólares), foram dados outros, em moeda brasileira: dez e cinco cruzeiros novos! O irrisório valor dos prêmios (entregues com certo acanhamento pelo ministro Jarbas Passarinho aos artistas contemplados) reflete o obsolecismo de toda a estrutura do salão, tido, por tanto tempo, como modelo para os outros que se realizavam no País.

No entanto, muitos organizadores tiveram consciência do impasse a que chegariam caso não buscassem novas perspectivas, abrindo os salões às novas manifestações interdisciplinares. O último Salão Nacional da Cultura Francesa (BH, 1970), o II Salão Nacional de Arte Contemporânea de Belo Horizonte (Museu de Arte, 1970) e agora o VII Salão Nacional de Arte Contemporânea de Campinas, deram os passos mais avançados na luta para sobreviver à crise, fazendo um regulamento mais aberto, que permitiu a presença e até mesmo a premiação (equivalendo à aquisição ou documentação de trabalhos) da vanguarda.

Mesmo assim, os salões não satisfazem mais, porque sua fragilidade está na base de sua própria existência como tal. Os limites de um regulamento, por mais aberto que seja, são sempre limites à livre criatividade; os sistemas de seleção e mesmo a existência de premiação que sempre hierarquizam a arte, impedem, por sua vez, a prática de uma arte nova, contestatória da institucionalização da arte, que é a própria imagem dos salões.

Todos estes problemas antevistos pelos organizadores do VII Salão Nacional de Arte Contemporânea de Campinas foram colocados em discussão entre os críticos que se reuniram na cidade paulista para o julgamento do Salão e uma mesa-redonda sobre a reformulação dos salões.

A iniciativa do Museu de Arte Contemporânea de Campinas tem uma importância fundamental, pois representa o primeiro esforço no sentido de se traçar os caminhos de efetiva renovação das manifestações artísticas.

O resultado da mesa-redonda, da qual participaram os críticos Waldemar Cordeiro, Mário Barata, Wolfgang Pfeiffer e este colunista, e com a presença das coordenadoras Dione Tibirica e Daisy Mariz, foi levado ao conhecimento do secretário da Educação e Cultura de Campinas, professor José Alexandre dos Santos Ribeiro, que, após estudos do relatório apresentado, distribuiu este documento:

— As atuais direções por que se vai enveredando a Arte Visual Brasileira, a importância incontestável que tem esta mostra, neste contexto, e a sua condição de sétimo Salão, o que dá ao Museu que a promove uma experiência já considerável e um papel cultural artisticamente importante nesse setor da criatividade nacional (inclusive porque, como sempre, a mostra reúne trabalhos de praticamente todo o País) — são razões que determinaram que a Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas incumbisse o seu Museu de Arte Contemporânea de, após o julgamento do Salão, promover uma mesa-redonda de críticos de arte, propondo-lhe a apresentação de sugestões que visassem a uma reformulação pertinente e eficaz, da idéia e do fato dos *Salões de Arte*, no sentido de uma maior utilidade artística e cultural, com relação aos artistas e ao público consumidor.

— Do debate, chegaram os críticos a conclusões que nós pareceram bastante interessantes e atuais, e sobre cuja exequibilidade já solicitamos estudos pormenorizados aos nossos canais competentes.

— Em resumo foi sugerido que: a) A Prefeitura de Campinas, pelo Departamento de Cultura de sua Secretaria de Educação e Cultura, incumbiria o Museu de Arte Contemporânea de promover manifestações de Arte Visual, durante os meses de setembro e outubro e com seis meses de preparação. b) Essas manifestações seriam desenvolvidas em quatro setores, sob a direção de quatro Comissários especialmente nomeados. c) Cada Comissário teria liberdade de conceber e estruturar a forma de manifestação de seu setor, a qual seria precedida de um diagnóstico crítico e seguida de debates conclusivos. d) A cada Comissário competiria, basicamente, formular o tema da manifestação em seu setor (podendo esse tema ser da atualidade ou retrospectivo) fazer convites nacionais e/ou internacionais que lhe parecessem convenientes e possíveis, dentro dos meios que lhe fossem fornecidos, selecionar, da maneira que melhor lhe aprouvesse, as obras que lhe fossem enviadas espontaneamente, e escolher os canais de divulgação e os locais de realização que lhe parecessem mais adequados ao tema escolhido; e) A última etapa de todas as manifestações seria um seminário geral e interdisciplinar, com a participação de artistas, críticos, representantes das Universidades locais e de outras entidades culturais e artísticas e do público interessado. f) Finalmente, os resultados finais da manifestação seriam publicados em monografia.

— Como se vê, a idéia é válida e, após aferida e detalhada pelos setores que nela se empenhariam, direta ou indiretamente, no âmbito desta Secretaria, deverá ser debatida com artistas e demais interessados para, em última instância, ser submetido à apreciação do Senhor Prefeito Municipal que aliás, tem apoiado decisivamente a determinação que temos de, tanto quanto possível, no âmbito das possibilidades de uma cidade como Campinas, dar ao Museu de Arte Contemporânea eficácia e força na satisfação das necessidades culturais da cidade.

O júri indicou para aquisição (ou documentação) os trabalhos de: Cybele Varela (Petrópolis); Edgard Pagnano (Ribeirão Preto); Marília Kranz (Rio de Janeiro); Odair Guimarães (Guarulhos); Ismael Assumpção (Santo André); Sérgio de Paula (Belo Horizonte); Maria Luiz Favero, Antônio Lizarraga (São Paulo); e Bernardo Caro (Campinas).

Tiveram referência especial do júri: Inácio Rodrigues, Paulo Gomes Garcez (Guanabara); Sylvia Schlossinger, Mari Yoshimoto, Sulamita, Mereines, Gerty Sarué, Jaime Yesquenlrita, Isay Weinfeld e Márcio Koogan (São Paulo); João Morelli Bueno, Reynaldo Bianchi Neto, Geraldo Jurgensen e Enéas Dedeca (Campinas).

Foram ainda selecionados, para apresentação no contexto do VII Salão, os trabalhos de: Luis Eduardo Fonseca, Luis Alberto Pellegrino, Manfredo Alves de Souza Neto (Belo Horizonte); Nêdia de Paula, Fernando de Souza Lisboa, Valdir da Costa Alves, Nelly Kalichman, Vinício Horta, Zama, Leonardo Walsh, Márcia Barroso Amaral, Maria Fernanda Machado, Gilka Viana (Guanabara); Alfredo Caetano, Fernando Antônio Leme, Romildo Paiva, Delvo Paiva, Carlos Lemos Pavel Kudis, Helena Caminha, Dora, *Grupentês*, Luiz Antônio Teles, Hanna Henriette Brandt, Maria Olímpia Vassão, Nicola D'Amico, José Fassoni, Ursula Hamburger, Regina Vautica Franco, Jorge Izar, Carlos Enrique de Lacerda, Cassiano Pereira Nunes, Benedito Elói Rigatto, Antônio V. Oliveira Lino, Alcides José Pereira, Hélio Deslandes, Vera Maria de Barros Ferraz, Tamiko Yamada, Equipe: Ismael, Odair e Famicó, Waldir Sarubi de Medeiros, Carmo Vaz, Adélia Fingerman, Massayosi Ogasawara, Antônio Celso Sparapan, Emilio Jayme, Evandro Carlos Jardim, José Gabriel Borba Filho, Norberto Stori, Irene Satie Shoyama, Irene Buarque de Gusmão, Gilberto Pereira, Hilda Félix (São Paulo); Francisco Biojone, Maria Helena Motta Paes, Tomaz Perina, Sebastião Maria Netto, Raul Porto, Eric Ailton Ribeiro Passarella, Maria Aparecida Bueno de Mello, José Mário A. Tolêdo, Suzana Lima (Campinas); Pupet Weckx (Itapeerica da Serra); Vitorina Sagboni Teixeira, Ruth Leite Ferreira (Curitiba); Vanda Pinheiro Dias, Heleno Godoy, Laerte Araújo (Goianãia); Mário Cravo Neto (Salvador); Régis Machado Silva (Taubaté); Maurício Soares Carneiro (Atibaia); José Germano Mazzarino (Itapetininga); e Vera Chaves Barcelos (Porto Alegre).